



SENADO FEDERAL

PROJETO DE LEI

Nº 2526, DE 2022

Inscreve o nome de Abdias do Nascimento no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

AUTORIA: Senador Marcelo Castro (MDB/PI)



[Página da matéria](#)

PROJETO DE LEI N° , DE 2022

Inscreve o nome de Abdias do Nascimento no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

SF/22334.92595-10

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica inscrito o nome de Abdias do Nascimento no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, localizado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras, Abdias do Nascimento, nasceu em Franca, no dia 14 de março de 1914.

De origem humilde, era um dos sete filhos de José Ferreira do Nascimento, músico e sapateiro conhecido como “Seu Bem-Bem”, e de Georgina Ferreira do Nascimento, a doceira da cidade, conhecida como “Dona Josina”. Sua avó materna, Dona Ismênia, foi escrava.

Em Franca, Abdias absorveu os saberes dos afrodescendentes mais velhos, que eram repassados através da oralidade, em rodas de conversa. Aos nove anos, já trabalhava entregando leite e carne nas casas dos moradores mais ricos da cidade. Aos 11 anos, entrou para a Escola de Comércio do Ateneu Francano. Frequentava o grupo escolar de manhã, trabalhava em um consultório médico à tarde e à noite fazia curso de contabilidade. Era apaixonado pelo circo e pelos festejos religiosos, experiência que fundamentou o seu encantamento inicial pelo teatro.

Empregado para trabalhar na administração de uma fazenda em Franca, Abdias sofreu racismo por parte dos seus empregadores e abandonou

o emprego. Deixou Franca e foi para São Paulo, onde alistou-se no Exército, entrando para o Segundo Grupo de Artilharia Pesada de São Paulo. Na capital, além de seguir a carreira de militar, o jovem Abdias entrou para a faculdade de economia da Escola de Comércio Álvares Penteado.

Pouco depois, Abdias se integrou à Frente Negra Brasileira (FNB), que realizava protestos em locais públicos e trabalhava na perspectiva de integrar o negro brasileiro na sociedade de classes. Combatiam em locais como hotéis, restaurantes e bares que impediam a entrada de negros. Fez parte da comitiva que foi ao Rio de Janeiro protestar junto ao presidente Getúlio Vargas.

Em 1936, Abdias desligou-se do serviço militar. Ao sair do Exército, passou a ser perseguido pela polícia de São Paulo em razão de sua atuação na FNB. Partiu então para o Rio de Janeiro. Morou no morro da Mangueira, bem perto da famosa escola de samba e, após diversos tipos de empregos menores, tornou-se revisor do jornal *O Radical*.

No Rio, Nascimento adere à Ação Integralista Brasileira (AIB) de Plínio Salgado. A participação no movimento foi considerada, pelo próprio Abdias, fundamental para lhe possibilitar conhecimentos sobre a cultura brasileira, arte, literatura e economia. No entanto, insatisfeito com a corrente racista do grupo, decide deixar o movimento em 1937. Mais tarde, em 1945, viria a criticar a AIB em discurso na Convenção Política do Negro Brasileiro.

Em 1937, Abdias muda-se da Mangueira para Duque de Caxias e passa a frequentar o famoso candomblé de Joãozinho da Goméia. Conhece outros negros de destaque na cena cultural carioca, como o poeta pernambucano Solano Trindade, de quem se torna grande amigo, e o maestro Abigail Moura, que em 1942 fundou e regeu a Orquestra Afro-brasileira. A essas experiências fundamentais para a formação do intelectual Abdias somava-se a formação acadêmica na faculdade de economia da então Universidade do Brasil.

Na ditadura do Estado Novo, Abdias é preso, após realizar protesto panfletário contra a presença da marinha norte-americana na Baía de Guanabara. Libertado, volta a morar em São Paulo e participa, em Campinas, do I Congresso Afro-campineiro.

Em 1940, de volta ao Rio de Janeiro, Abdias formou junto com Gerardo Melo Mourão, Godofredo Iommi, Efrain Bo, Raul Young e

SF/22334.92595-10

Napoleón López uma aliança poética chamada “La Santa Hermandad de la Orquídea”. O grupo viaja pelo Brasil e América Latina, passando pela Amazônia, Iquitos e Lima, Letícia, La Paz e Buenos Aires.

No Teatro Municipal de Lima, Abdias viu pela primeira vez a peça “O Imperador Jones”. Os atores da peça eram todos brancos, sendo que aqueles que representavam personagens negros tinham que atuar pintados de preto. Vendo aquela encenação, Abdias começou a refletir sobre a não existência de atores negros no teatro brasileiro.

De volta a São Paulo, Abdias é novamente preso, desta vez em decorrência de uma briga com um delegado. Na penitenciária do Carandiru, ele se dedicou intensamente à leitura e criou o Teatro do Sentenciado, um grupo em que os atores eram os próprios presos e ele o diretor dos espetáculos.

Em 1944, no Rio de Janeiro, ao lado de Aguinaldo Oliveira de Camargo, Wilson Tibério, Sebastião Rodrigues Alves, Arinda Serafim, Iléna Teixeira, Ruth de Souza. entre outros, Abdias fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), formado exclusivamente por atores negros.

A primeira peça encenada pelo TEN foi “O Imperador Jones”, do escritor norte-americano Eugene O’Neill, que Abdias havia assistido no Peru. A peça, que teve uma única apresentação no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, foi um enorme sucesso. Contudo, a imprensa racista da época fez duras críticas, afirmando ser desnecessária à iniciativa de um teatro de atores negros, pois, de acordo com ela, “não havia racismo no Brasil”.

O TEN montou mais duas peças teatrais baseadas em escritos de O’Neill, que havia autorizado ao grupo a encenação de todas as suas obras. Com o sucesso da companhia, escritores brasileiros passaram a escrever peças teatrais especialmente para o TEN. Nelson Rodrigues escreveu “Anjo Negro” e Joaquim Ribeiro escreveu “Aruanda”. Em 1948, o grupo encenou “Filhos de Santo”, de José de Moraes Pinho, e, em 1952, “Rapsódia”, do próprio Abdias Nascimento. Esta peça lançou a bailarina Mercedes Baptista e a atriz Lea Garcia, na época esposa de Abdias e mãe de seus dois primeiros filhos, Abdias Nascimento Filho e Henrique Cristóvão.

Paralelamente ao trabalho de dirigir e atuar no TEN, Nascimento também seguia a carreira de ator de cinema. Em 1959, ele participou do filme “O homem do Sputinik”, de Carlos Manga, e, em 1962, de “Cinco vezes favela – Escola de Samba Alegria de Viver”.

SF/22334.92595-10

Em 1945, Abdias organizou, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a Convenção Nacional do Negro, com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para a criminalização do racismo. Funda o braço político do TEN, o Comitê Democrático Afro-brasileiro, com sede na UNE. Em 1948, é fundado o jornal “Quilombo”, que circulou por dois anos e serviu de forte interlocutor entre a luta dos negros brasileiros e as lutas empreendidas no exterior.

Em 1950, Abdias e o TEN organizaram o I Congresso do Negro Brasileiro. Mais tarde, em 1968, formado na primeira turma do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, ele funda o Museu da Arte Negra.

Até o ano de 1964, Abdias militou pelo movimento negro em congressos, encontros e protestos. Com o golpe militar de 1964 e a posterior promulgação do AI-5, em 1968, a militância negra antirracista foi oficialmente proibida.

Face a esse contexto, e motivado pela possibilidade de conhecer organizações sociais e lideranças afro-americanas, diante do convite da “Fairfield Foundation” Abdias exilou-se nos Estados Unidos, onde viveu por quase treze anos, militando pelo movimento panafricanista. No final dos anos sessenta, os EUA passavam por momentos conturbados, marcados por fortes manifestações do movimento negro, na luta contra o racismo e pela igualdade dos direitos civis.

Durante o exílio, Abdias dedicou-se com ênfase à carreira de artista plástico. Ao longo dos treze anos que viveu fora do país, além de pintar, também foi convidado a expor suas obras e realizar curadorias de exposições em galerias de universidades norte-americanas.

Após algumas exposições individuais em Nova Iorque, Abdias foi convidado pela Universidade Wesleyan, de Middletown, para atuar como professor visitante, com alguns dos mais destacados intelectuais da época, do Seminário “A Humanidade em Revolta”. Enquanto esteve por lá, tomou parte nos levantes que ocorriam na Universidade de Harvard contra o financiamento de projetos na África do Sul, país do *apartheid*.

Da atividade de professor visitante na Wesleyan, Abdias foi para a Universidade do Estado de Nova Iorque, na cidade de Buffalo, desta vez como professor contratado e com dedicação exclusiva, onde trabalhou por cerca de dez anos e fundou a cadeira de Cultura Africana no Novo

SF/22334.92595-10

Mundo. Atuou também como conferencista visitante na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de Yale.

No início da década de setenta, Abdias conheceu a estudante loira e branca Elisa Larkin, que se tornou sua esposa e mãe de seu terceiro filho, Osiris, e de sua única filha mulher, Yemanjá do Nascimento.

Abdias ficou fortemente entusiasmado com a vertente do panafricanismo de ideologia mais nacionalista, defendida por Steve Biko, da África do Sul, Patrice Lumumba, da República Democrática do Congo, Aime Césaire, da Martinica e de Malcolm X, dos Estados Unidos.

Imbuído desse espírito, Abdias participou da Conferência Panafricana Preparatória realizada em Kingston, na Jamaica, em 1973, que abriu os trabalhos para o 6º Congresso Panafricano, realizado no ano seguinte na Tanzânia, em Dar-es-Salam. Entre 1976 e 1977, residiu na Nigéria, onde atuou como professor visitante na Universidade de Ifé, convidado do departamento de Línguas e Literaturas Africanas.

De volta do exílio, Abdias participou ativamente da vida política do País. Com a ajuda de Dom Paulo Evaristo Arns, foi responsável pela criação do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, na PUC de São Paulo, e pela organização do Terceiro Congresso de Cultura Negra das Américas. Em 1983, criou a Revista Afrodiáspora, um órgão de divulgação das atividades, dos problemas e das aspirações dos afrodescendentes, especialmente nas Américas. Criou ainda o Movimento Negro Unificado. Sobre esse evento, Abdias afirmou:

Eu estava lá, em 1978, nas escadarias do Teatro Municipal, no momento em que foi fundado o MNU. Depois, fizemos várias viagens por todo o país criando núcleos do movimento negro na Bahia, em Minas Gerais e na Paraíba, por exemplo.

Desde 1979, Abdias se aproximara de Leonel Brizola. Devido à atuação de Nascimento, foi criado no Partido Democrático Trabalhista a Secretaria do Movimento Negro. Em 1980, auxiliou na criação do Memorial Zumbi. Em 1982, Abdias foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, sob a bandeira da luta contra o racismo.

Era a primeira vez na história do Brasil que um afrodescendente assumia esse cargo com as bandeiras da luta do movimento negro. Aos poucos e com muita insistência, Abdias soube fazer valer seus discursos e suas posições, como o questionamento à comemoração da data do Treze de

SF/22334.92595-10

Maio e a demanda pela oficialização do dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. Nascimento foi o primeiro deputado federal do País a desenvolver projetos de lei de políticas afirmativas. Foi também titular da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro, durante o governo de Leonel Brizola.

Na década de 1990, Abdiás chega ao Senado. Como suplente do antropólogo Darcy Ribeiro no Senado, assumiu a cadeira entre 1991 e 1992 e de 1997 a 1999.

Além de poeta, teatrólogo e artista plástico, Abdiás Nascimento destacou-se como cientista social e como autor de importantes trabalhos que tratam da temática afro-brasileira, considerados referência obrigatória nesse campo de estudos. Como artista plástico, ele realizou diversas exposições em museus, universidades e centros culturais brasileiros.

Foi agraciado com os títulos de Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York em Buffalo, EUA, e Doutor Honoris Causa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1990, e da Universidade Federal da Bahia, em 2000. Em 2001, recebeu o prêmio Herança Africana, oferecido pelo Schomburg Center for Research in Black Culture; o prêmio UNESCO, categoria Direitos Humanos e Cultura da Paz; e o prêmio Cidadania Mundial, oferecido pela Comunidade Baha'í do Brasil. Recebeu, das mãos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Ordem do Rio Branco, no grau de Comendador, a honraria mais alta outorgada pelo governo brasileiro. Em 2004, recebeu o Prêmio Toussaint Louverture pelos Extraordinários Serviços Prestados à Luta contra a Discriminação Racial, na sede da UNESCO em Paris.

Sua defesa dos direitos humanos dos afrodescendentes lhe rendeu uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2010. Em março do ano seguinte, esteve entre as lideranças negras convidadas para o encontro com o presidente norte-americano Barack Obama.

Abdiás Nascimento faleceu em 24 de maio de 2011, aos 97 anos, vítima de uma pneumonia que se complicou e agravou problemas cardíacos. A herança de sua trajetória e ensinamentos se encontra presente na luta de cada um dos afrodescendentes, contra o racismo e a discriminação.

De acordo com a historiadora e intelectual negra Maria Gerlane Santos de Jesus,

SF/22334.92595-10

(...) não temos como falar do século XX e da luta antirracista sem lembrar do nome do Abdias Nascimento, que lutou por essa causa tanto como militante, intelectual e artista. Foi influência para muitos militantes negros que a partir da década de 1970 passaram a entrar nos meios acadêmicos e assim, em lugar de verem suas histórias escritas por intelectuais predominantemente brancos, começaram, assim como Abdias do Nascimento, a escrever suas histórias, as histórias dos seus povos.

Nos termos da Lei nº 11.597, de 29 de novembro de 2007. o Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria “destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros e brasileiras ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo”.

Diante disso, espero contar com o apoio dos nobres Pares a esta iniciativa que ora apresento, no sentido de inscrever o nome de Abdias do Nascimento, que, sem dúvida, por sua luta antirracista e em defesa dos direitos civis e humanos das populações negras, dedicou sua vida à pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo.

Sala das Sessões,

Senador MARCELO CASTRO

SF/22334.92595-10

LEGISLAÇÃO CITADA

- Lei nº 11.597, de 29 de Novembro de 2007 - LEI-11597-2007-11-29 - 11597/07
<https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2007;11597>